



UNIVERSIDADE ABERTA E APRENDIZAGEM COOPERATIVA: REVISÃO DE CONCEITOS E TRANSFORMAÇÃO DA PRÁTICA

Zilá Aparecida Peigo de Moura e Silva *

RESUMO

O advento da Sociedade do Conhecimento vai exigir uma reformulação das práticas acadêmicas no que diz respeito à formação e capacitação de profissionais, fazendo surgir novas formas de ação e modelos diferenciados de instituições de formação. O modelo de universidade aberta se mostra como uma forma de atender às demandas sociais, ao mesmo tempo em que cria uma nova cultura, da aprendizagem cooperativa ou colaborativa, como um esquema de ação viável para aclarar nosso modelo obsoleto de ensino universitário.

PALAVRAS-CHAVE: Universidade Aberta; Aprendizagem Cooperativa; *E-Learning*.

ABSTRACT

The advent of the Knowledge Society will demand a reformulation of the academic practices regarding the formation and qualification of professionals, causing the appearance of new forms of action and differentiated models of formation institutions. The open university model is presented as a way to assist social demands at the same time as it creates a new culture, that of cooperative or collaborative learning, having a scheme of viable action to clarify our obsolete model of university teaching.

KEY-WORDS: Open University; Cooperative Learning; E-Learning.

*Doutora em Educação. Docente em 2001 da disciplina Didática no Curso de Pedagogia do Centro Universitário Filadélfia (UniFil). Docente no Departamento de Educação da Universidade Estadual de Londrina (UEL).

E-mail: lerdinha@uol.com.br

QUADRO NEGRO

A sociedade, de modo geral, passa hoje por mudanças muito rápidas, sobre as quais nem se poderia ter pensado algum tempo atrás.

A revolução tecnológica vem provocando outras revoluções e criando necessidades e tarefas que demandam profissionais diferenciados que não se enquadram nas tradicionais carreiras do século XX.

Novas demandas, novos problemas, surgem no dia-a-dia e exigem novas, criativas e rápidas soluções.

Pode parecer óbvio, mas nossa sociedade ainda não está pronta para elas. Há que se corrigirem rotas em pleno vôo, já que os modelos atuais de convivência não dão conta dos conflitos que surgem, seja na empresa, nas instituições, ou na família.

Torna-se necessário agora, mais do que nunca, que a educação, sem deixar de lado os saberes tradicionais, trate de novos saberes que permitam ao homem conviver num espaço que é ao mesmo tempo micro e macro, já que, a mesma tecnologia que isola as pessoas, pode aproximá-las em questão de segundos ou colocá-las em contato em tempo real, não importando qual seja a distância.

Os conceitos de tempo e de espaço, bem como outros conceitos consagrados pela Ciência, ganham hoje uma relatividade impossível de ter sido pensada no início do.

A burocracia começa a perder terreno para o controle eletrônico e, os poucos burocratas que ainda sobrevivem, perdem espaço para os profissionais mais flexíveis e criativos.

As relações de poder tendem a mudar e o ser humano se sente perdido. Uns, porque não têm a quem dar ordens; e outros, porque são incapazes de agir por auto-determinação.

Parece que a sociedade mergulha no caos.

Todavia, apesar das incertezas e das distorções, uma nova sociedade desponta para o futuro.

Como será essa sociedade, ainda não é possível vislumbrar. Ela terá que eliminar as desigualdades, a guerra e a fome, e isso só será possível quando os antigos valores, como o poder e a vaidade, forem substituídos por uma postura diferente em relação ao homem e ao mundo.

Dentro do espaço de transformações que se articulam e das próprias mudanças que se delineiam, a escola aparece ainda hoje como uma mancha de vícios consolidados que teima em manter as características arcaicas de estrutura e conteúdo, como se pudesse manter-se alheia a todo movimento do mundo.

Por mais que se multipliquem as tentativas de transformá-la, ela resiste a

qualquer tipo de mudança, constituindo-se em um gueto onde as marcas pessoais definem os territórios, e os espaços não se misturam.

As novas e necessárias formas de convivência ainda não conseguiram entrar na escola.

As parcerias que tanto se apregoam ainda têm um caráter paternalista, mascarando a falta de comprometimento dos atores do processo, bem como das autoridades que cuidam daquelas relações.

Ainda se vive a experiência do “crime e castigo” nas relações professor-aluno e administração-funcionários.

A celebração de contratos de compromisso é substituída por acordos de conveniência e, dentro da instituição educativa, se vive um clima surrealista de troca de favores.

A educação não consegue acontecer. Perde-se a partir das práticas estabelecidas desde os primeiros anos de escolaridade, nas quais o professor ainda decide os cânones da tarefa, mesmo quando se tem conhecimento das mudanças de paradigma propostas pela sociedade do futuro.

MORIN (2000) propõe um esforço transdisciplinar que possa romper com a oposição entre ciência e cultura, juntando novamente as ciências e as humanidades, fragmentadas nas últimas décadas pela mundialização neo-liberal, que pode ter sido a responsável por boa parte do caos.

Segunda CARVALHO (Edgard de Assis, abril/2000), as instituições educacionais, cretinizadas, submersas em crises de hegemonia e conformadas com o autoritarismo dominante e, por isso mesmo, reproduzindo-o em seus espaços mais próximos, apenas reafirmam os velhos paradigmas.

“Se o século XX acabou por consagrar uma forma de desenvolvimento que vai se demonstrando insustentável, é forçoso reconhecer que novas formas de solidariedade e responsabilidade se manifestam, estimulando a unidade na diversidade, contra as tendências bestializadoras do pensamento único”.¹

Elas estão, em sua maioria, fora da Escola, especialmente da Universidade. Por esta razão, é preciso que a educação nos ensine a olhar o mundo como faz o fotógrafo com a lente de sua câmera, com um *zoom* que afasta e aproxima, permitindo-nos ver e reaprender a parte e o todo, o texto e o contexto, o global e o planetário, permitindo-nos enfrentar os paradoxos que o desenvolvimento tecno-econômico trouxe consigo, globalizando, de um lado, e excluindo, de outro.

1. MORIN, Edgar. **Os sete saberes fundamentais para a educação do século XXI**. São Paulo: Cortez/UNESCO, 2000.

Desde 1972, a UNESCO vem discutindo estas questões, sistematizando uma série de sugestões em um documento assinado por Edgard FAURE,² que foi retomado em 1984 por Jacques DELORS,³ e traduzido no Brasil como “Educação: um tesouro a descobrir”.

Já se falava, então, que a educação, para fazer frente a tantas e tão instintivas mudanças, deveria fugir do enciclopedismo e buscar, em quatro formas essenciais de aprender, os novos parâmetros para a convivência: aprender a aprender, aprender a fazer, aprender a ser e aprender a viver em comunidade.

Quase trinta anos se passaram e as práticas, tanto as pedagógicas quanto as de gestão, mantêm as mesmas configurações de então - com algumas agravantes que vêm acelerando a degradação das relações humanas na instituição Escola. A resistência desta ao uso da tecnologia, em muitos casos, é responsável por parte dessas dificuldades.

A sociedade entra na era da incerteza e sedimenta o padrão desenhado há algumas décadas, da provisoriedade e do descartável (já previstos por TOFFLER na década de 60, com “A terceira onda”), o que leva a instituição educacional a enfrentar o desafio de aceitar novos modelos e romper com os paradigmas.

ACLARANDO O NOVO CENÁRIO

Começa, entretanto, a ganhar força um conceito de universidade/escola que não é novo, a partir da explosão de projetos diferenciados.

Atualmente, o sistema universitário, totalmente baseado em estruturas rígidas e articuladas em torno do *campus* e do ensino que exige a presença do aluno, não consegue expandir-se e muito menos abranger a grande massa de alunos egressa do curso secundário. Este sistema de ensino tradicional não é mais o único modelo para agregar e fazer avançar o conhecimento humano. Com certeza, o desenvolvimento de redes de telecomunicações, e sua interação com a informática, criou uma nova base tecnológica que permite a adoção de outras modalidades mais ágeis de ensino, com capacidade para atender milhões de pessoas e com uma relação custo/benefício bem mais favorável.⁴

2. **Aprender a être**, Relatório da Comissão da UNESCO presidida por Edgard Faure que discutiu, em 1972, os destinos da educação no planeta.

3. **Learning: The Treasure Within** - Report to UNESCO of the International Commission on Education for the Twenty-first Century. UNESCO (Published in French, English, Spanish, Chinese, Russian.), 1997. 241 pp.

4. Carlos Alberto Torres, Professor do Departamento de Administração da Universidade de Brasília, ex-deputado distrital (PPS/DF), autor de lei instituindo a Universidade Aberta de Brasília.

O ensino à distância via WEB abriu um novo caminho e vem sendo considerado o modelo mais atual de Universidade, que muitos denominam Universidade Aberta.

Entretanto, há que se levar em conta que o conceito de Universidade Aberta existe desde muito antes que se tivesse notícia da *Wide World Web*. Este representa apenas uma das possibilidades daquela, visto que, desde o século XVIII, o ensino à distância é utilizado como recurso de formação/qualificação/instrução de pessoas que, por razão de trabalho ou outra, não podem frequentar fisicamente a escola.

No Distrito Federal planeja-se uma Universidade Aberta que conte com um corpo de técnicos, professores e pedagogos reduzido, capacitado para acompanhar e aferir os resultados dos mais diversos cursos, por intermédio de sistemas tecnológicos como a televisão, vídeo, informática e recursos de multimídia. A Universidade Aberta pode funcionar perfeitamente em espaços relativamente pequenos, não exigindo, portanto, o gasto de grande parte de suas receitas em instalações físicas, como é normal nas universidades tradicionais. A Universidade Aberta nasce comprometida com o ensino, a cultura, a ciência e a tecnologia e não com gastos supérfluos.⁵

Contrastando com os sistemas fechados, estes sistemas, auto-denominados abertos, se caracterizam, entretanto, por algumas particularidades, sendo que, a que os define mais claramente, é a “redução ou supressão do ingresso, exclusão ou privilégios.”⁶

Todavia, esse requisito definidor da Escola Aberta só se cumpre, segundo KAYE (1988), em 20% das instituições de ensino à distância. A ausência de requisitos para inscrição, por exemplo, embora seja definidora da Escola Aberta, não vem sendo observada na definição/modelagem do ensino à distância como aparece proposto nos diversos modelos.

A *Open University* britânica,⁷ é uma das poucas que se justifica como tal, a partir de argumentos bastante significativos:

1. não tem requisitos para inscrição de alunos em seus cursos;
2. não tem espaço físico definido para seu *campus*. Todos os espaços podem ser considerados espaços de aprendizagem;

5. TORRES, Carlos Alberto. A **Universidade Aberta de Brasília**. In: <http://www.intelecto.net/> - consultado em 19/09/2000.

6. ARETIO, L. Garcia (Coord.). **La Educación a distancia y la UNED**. Madrid, 1996, p. 33.

7. Ver nota final.

3. utiliza todos os meios possíveis para ensinar e aprender. Os projetos educacionais utilizam métodos livres e propõem modos variados de aprender;
4. permite aquisição das competências e experiências necessárias, assim como de outras, possíveis de serem desenvolvidas, independentemente das teorias e das doutrinas pré-definidas pela instituição. Admite um currículo livre.

As formas de acesso a esse modelo de escola, diretas ou indiretas, permitem que grande parte da população, excluída da escolaridade regular, retome seu processo de aprendizagem formal.

A Universidade Aberta funciona por meio de convênios com empresas, instituições, prefeituras e no uso de tecnologia de ponta. E, ainda, permite o acesso de qualquer pessoa individualmente. Com sua estrutura ágil, ela possibilita o atendimento mais rápido de profissões emergentes, exigidas pela vertiginosa revolução técnico-científica do mundo atual. Já admite-se em vários países do mundo que as universidades tradicionais, em que pese também sua importância, não conseguem ter a mesma agilidade da modalidade de ensino à distância.⁸

Atualmente, embora o ensino à distância seja apenas uma das modalidades da *Open University* ou Escola Aberta - já que não há níveis nem graus, mas exclusivamente competências - vem sendo confundido com ela quando se trata da prática, já que não se permite sê-lo em termos de concepção.

Não se deve confundir a Universidade Aberta com os milhares de cursinhos por correspondência existentes no país, que se transformaram em verdadeiras armadilhas para aqueles que procuram novas formas de conhecimento. A Universidade Aberta tem a máxima preocupação em ofertar educação de elevado padrão e de excelência acadêmica, podendo atingir três campos distintos de demanda: o de ampliação do conhecimento cultural, com a organização de cursos específicos de acesso a todos, indistintamente do nível de escolaridade; o da educação continuada, que proporcionará a reciclagem profissional às diversas categorias de trabalhadores e àqueles que já passaram pela universidade; e o ensino superior, englobando tanto a graduação como a pós-graduação.⁹

8. TORRES, Carlos Alberto, **opus cit.**

9. **Id.Ibid.**

A confusão conceitual que se apresenta é devida a algumas características do ensino à distância, especialmente as concepções de tempo e espaço que vêm definindo os modelos conhecidos.

A ausência do contato visual entre professor e aluno tem sido também um dos aspectos definidores (*zaochny*) na escola russa,¹⁰ assim como também a separação física (*fernunterrich* - instrução dos distantes) do que se convencionou chamar de ensino à distância.

Entretanto, a *Open School*, embora incorpore a questão do espaço e da distância em suas concepções, se auto define metodologicamente, incorporando o conceito de distância ao requisito essencial: “conceder aos estudantes maior autonomia e auto-direção da aprendizagem”.¹¹

Isso implica na organização de um sistema de apoio e tutoria que venha garantir os resultados desse esforço de ensinar e aprender.

A forma como essa tutoria é encaminhada define a modalidade *Open School*.

Feita através de comunicação impressa (ensino por correspondência), de meios eletrônicos (EAD via WEB), de forma presencial em datas e locais pré-definidos (ensino semi-presencial) e assim por diante, o que esclarece a diferença entre a escola convencional e a *Open School* é também a organização de currículos, com a rigidez burocrática, conservadora e controladora ou a flexibilidade necessária que possa garantir o sucesso da aprendizagem voltada para resultados.

A geração do conhecimento substitui a transmissão e o desenho da relação professor-aluno-conhecimento pelo desenho da relação professor-material-de-ensino-aluno-conhecimento-resultados da aprendizagem.

No processo comunicacional que ocorre na escola aberta, a aprendizagem se baseia no estudo independente de materiais especificamente elaborados para o aluno. A **fonte** de conhecimento representada pelo docente não está no mesmo lugar físico que o **receptor** representado pelo aluno, como ocorre na sala-de-aula convencional.

Os meios técnicos que estão ao alcance de boa parte do grande público se convertem em propulsores do princípio de igualdade de oportunidades.¹² O próprio ensino presencial vem sendo influenciado por tais mudanças e os recursos facilitadores da aprendizagem se tornam complementos da mídia impressa e da intervenção direta do docente.

10. ARETIO, L. Garcia (Coord.). **La Educación a distancia y la UNED**. Madrid, 1996, p. 23.

11. **Id.Ibid.**,p.32.

12. Embora haja controvérsias em relação ao conceito de democratização aqui submerso, é possível lembrar o papel que as empresas estão representando nesse processo.

Não há mais distância física, e o conceito de tempo físico está sendo substituído pelo conceito de “tempo produção”.

Algumas vantagens se inscrevem em projetos da Escola Aberta e não podem deixar de ser analisadas. São elas:

Abertura

- Eliminam-se ou se reduzem as barreiras e os requisitos de acesso a cursos e estudos.
- Diversifica-se e amplia-se a oferta de cursos.
- Pode-se atender a uma numerosa população, mesmo que esteja dispersa geograficamente.
- É possível oferecer uma formação adaptada às exigências atuais a quem não pode iniciar ou concluir a sua formação anterior.

Flexibilidade

- Permite ao aluno seguir os estudos sem os rígidos requisitos de espaço físico (frequência a um “lugar”), assistência e tempo (horários; quando estudar) e ritmo (com qual velocidade aprender).
- Propicia uma combinação eficaz de estudo e trabalho.
- Garante a permanência do estudante em seu próprio meio de trabalho, cultura e família.
- Permite a formação fora do contexto de quatro paredes de sala-de-aula.

Eficácia

- Converte o estudante em centro do processo de aprendizagem e em sujeito ativo de sua formação.
- O processo pode se desenvolver no mesmo contexto em que ele trabalha. Trata-se de uma formação teórico-prática, ligada à experiência e em contato imediato com a atividade laboral e social que se pretende melhorar.



- Pretende que o recurso de multimídia de qualidade garanta suporte de conteúdos de estudo desenvolvidos pelos melhores especialistas em cada área.
- Mantém uma comunicação bidirecional freqüente como garantia de uma aprendizagem dinâmica e inovadora.

Formação permanente e pessoal

- Atende à crescente demanda e aspiração dos mais variados grupos, respeitando a organização de atividades formativas, sejam elas definidas ou não por regras corporativas.
- Potencializando a iniciativa pessoal do aluno, propicia condições para que ele adquira atitudes, interesses, valores e hábitos educativos positivos.
- Possibilita alternativas de desenvolvimento de capacidade para o trabalho, o ócio e a própria superação cultural.¹³

Economia

- Reduz os custos dos sistemas presenciais de formação.
- Minimiza os custos indiretos referentes ao abandono dos postos de trabalho.
- Compensa o alto custo do investimento inicial e da produção de materiais nesse tipo de projeto através da economia de escala.

Estas vantagens podem ser analisadas pelo leitor, em comparação com o que pode ser desvantagem no modelo presencial de aprendizagem, apontado no quadro que segue.

13. Sugere-se a análise do filme “O despertar de Rita” e a leitura dos livros de Domenico di Masi.

COMPARAÇÃO ENTRE OS SISTEMAS ABERTO E PRESENCIAL DE ENSINO¹⁴	
PRESENCIAL	ABERTO
ALUNOS	
Idades semelhantes	Idades diferentes
Qualificação semelhante	Qualificação diferente
Nível semelhante	Níveis diferentes
Lugar de encontro único	Estuda em hora ou lugar a seu critério
Residência próxima	População dispersa
SITUAÇÃO CONTROLADA - Aprendizagem dependente	SITUAÇÃO LIVRE- Aprendizagem independente
Maior número de pessoas que não trabalham. Habitualmente: crianças, adolescentes e jovens	Maior número de adultos que trabalham
Maior interação social	Menor interação social
Educação é atividade primária em tempo completo	Educação é atividade secundária, complementar
Seguem geralmente um currículo obrigatório	O currículo é determinado pelo próprio estudante
DOCENTES	
Um único tipo de docente	Vários tipos de docentes
Ele é fonte do conhecimento	È suporte e orientador da aprendizagem
Recurso insubstituível	Recurso parcialmente substituível
Juiz supremo da atuação do aluno	Guia da atuação do aluno
Suas habilidades e competências são muito conhecidas (bem como as dificuldades)	Suas habilidades e competências são menos conhecidas (bem como as dificuldades)
Enfrenta problemas comuns com o desenho, o desenvolvimento e a avaliação curricular	Enfrenta sérios problemas com o desenho, o desenvolvimento e a avaliação curricular
A solução dos problemas citados dependem do professor	A solução dos problemas citados dependem do sistema

14. ARETIO, L. Garcia (Coord.). **La Educación a distancia y la UNED**. Madrid, 1996.

RECURSOS E COMUNICAÇÃO	
Comunicação direta	Comunicação diferenciada em tempo e espaço
Salas e laboratórios próprios	Salas e laboratórios de diversos parceiros
Uso limitado de meios	Uso massivo dos meios
Ensino face a face	Ensino por várias mídias
ESTRUTURA ADMINISTRATIVA	
Baixos custos iniciais que se elevam em função da variável aluno	Altos custos iniciais
Muitos cursos com poucos estudantes	Muitos estudantes por curso
É elitista e seletiva; tende a descartar os alunos na direção do nível universitário	Tende a ser mais democrática quanto ao acesso do aluno
A estrutura administrativa formada por pessoas é basicamente insubstituível	Permite reduzir parcialmente a estrutura administrativa em número de pessoas
Muitos docentes e poucos administrativos	Menos docentes e recursos
Problemas administrativos de horário	Os problemas surgem quando da coordenação, da concepção, da produção e difusão do processo formativo
Processos simplificados de concepção e difusão dos cursos	Processos complexos de concepção, produção e difusão dos cursos
Pouca diversificação de unidades e funções	Múltiplas unidades e funções

Alguns objetivos da Escola Aberta devem ser considerados para que se possa analisar, em seguida, um dos problemas mais significativos que surgem a partir do processo de efetivação da Escola Aberta, ou seja, a **ausência de interação**.

O primeiro e grande objetivo da *Open School* está relacionado com a democratização do acesso à educação, uma vez que ela possibilita: aumentar significativamente o número de vagas; atender à população estudantil dispersa geograficamente e, especialmente, aquelas que se encontram distantes dos centros universitários; oferecer uma nova oportunidade àqueles que não puderam iniciar ou concluir seus estudos; permitir aos alunos seguir seus estudos sem os requisitos de espaço, assistência ou tempo - próprios da escola convencional - estendendo, assim, os benefícios da educação; garantir a permanência do aluno

em seu próprio meio cultural, evitando possíveis êxodos que podem incidir negativamente no desenvolvimento regional.

À medida em que se preocupa com o desenvolvimento do “aprender a aprender”, a Universidade Aberta dá condições de um aprendizado autônomo e intimamente ligado à experiência do aluno. Para isso, ela pretende trabalhar com mecanismos que permitam a ele a aquisição de atitudes, interesses e valores necessários para assumir seu compromisso com um processo de educação permanente. Transforma esse mesmo aluno no sujeito ativo de sua formação, responsabilizando-se por ela, enquanto o professor passa a ser apenas um guia ou orientador, o que lhe permite superar as dificuldades do sistema convencional. Com isso, desenvolve capacidades essenciais para as novas carreiras, como o pensar independente por meio de critérios, decisões e trabalho que lhe aumentam a satisfação pessoal.

Outro grande objetivo da Universidade Aberta é estimular a educação permanente, por meio da oferta de instrumentos adequados para o aperfeiçoamento e atualização profissional e a promoção cultural, nem sempre oferecidos pela escola convencional.

Finalmente, reduzir os custos, atingindo, o mais rapidamente possível, a meta de redução de 50% nos gastos médios do sistema.

Um problema... que já não existe

Com todas as vantagens que pode oferecer a Universidade Aberta, todavia, uma das questões cruciais ainda é o distanciamento físico entre os pares, que dificulta a interação e não permite um trabalho coletivo de construção do saber, conforme a mídia que utiliza.

Na última década, essa questão ficou praticamente resolvida quando a Open University passou a utilizar recursos da informática e suporte da Internet para proporcionar a comunicação síncrona ou mesmo assíncrona para a troca de informações entre os participantes do processo.

Os alunos podem formar grupos de estudo em suas salas locais ou criar grupos virtuais conectando inter-salas remotas, utilizando as ferramentas do *site* WWW. Os grupos podem ser formados a partir de interesses e objetivos comuns que podem variar em função da necessidade de cada disciplina. É incentivada a comunicação entre os alunos através da utilização dos espaços de reunião *on-line* ou *off-line*, disponíveis no *site* e outros meios de comunicação.¹⁵

15. CRUZ, Dulce Márcia. **Tecnologias de comunicação e informação para o ensino à distância na integração universidade/empresa.** In: <http://www.intelecto.net/> - consultado em 19/09/2000.

Por meio da videoconferência, um sistema interativo de comunicação em áudio e vídeo, que possibilita a interatividade em tempo real, a sala-de-aula presencial se transforma num grande ‘lugar’ espalhado geograficamente. A transmissão pode ser feita através de vários meios: rádio, satélite ou linha telefônica, com o recurso do 0800.

A aula pela videoconferência se constitui na apresentação dos conteúdos relativos à disciplina pelo professor e pelos alunos, através de seminários, realização de jogos, solução de casos e outras atividades interativas, individuais e/ou em grupo. A videoconferência permite a utilização de todos os recursos de interatividade disponíveis em seus equipamentos periféricos: câmera de documentos, apresentação multimídia (CD-ROM, *Power Point*, *Excel*, etc.) e Internet, presentes tanto na UFSC quanto nas salas remotas.¹⁶

A utilização da Internet visa promover uma maior interação aluno-professor e aluno-aluno, como um espaço de troca e produção coletiva de conhecimento e informação. Essa interação geralmente acontece através da WWW, em endereço no qual o aluno encontra um conjunto de ferramentas multimídia que lhe permitem comunicar-se com seus professores ou colegas, comentar as aulas, discutir temas relacionados às disciplinas em andamento, enviar sua produção ao professor e acessar ementas de disciplinas, bibliografias de referência, artigos e outras informações importantes para um bom desempenho de seu trabalho.

Utilizando as diversas ferramentas disponíveis, os alunos podem discutir em tempo real, utilizando “chats” ou salas-de-reunião, pode buscar assuntos relacionados às disciplinas do Curso, como mudanças de datas, horários, etc., além de fazer o “download” de textos, transparências e artigos das aulas disponíveis em alguma Biblioteca Virtual. Os trabalhos (exercícios, artigos, roteiros de seminários e até mesmo provas) podem ser disponibilizados nesse endereço para a avaliação posterior do professor.

Uma ala de produção ou de trabalho pode ser criada como um serviço com dupla função, que o aluno pode utilizar para disponibilizar materiais para o professor, e para que este utilize quando quiser verificar a produção de seus alunos fora do horário de aula, via vídeo conferência, permitindo que se verifique o nível de responsabilidade e envolvimento dos alunos, assim como seu nível de aprendizagem em determinados assuntos.

16. **Id.ibid**

A utilização sistemática e planejada de tais recursos dentro dos programas da *Open University* elimina o problema do isolamento do estudante, na medida em que possibilita a formação de grupos de troca - *groupware* - ou grupos de aprendizagem colaborativa - *cooperative learning*. Tais estratégias já vêm sendo também utilizadas nas salas de aula convencionais, demonstrando como a *Open University* pode influenciar e transformar as práticas centenárias da universidade convencional.

Outras ferramentas, como o banco de casos, a agenda, a sala de discussão e o *mailbox*, podem ser disponibilizadas oferecendo informações detalhadas sobre a programação das disciplinas, espaço para fóruns de discussão entre os alunos e professores e acesso a serviços de *e-mail*.

O que foi um tema de acaloradas discussões na sociedade do século XX, ou seja, como inovar em ensino superior, oferecendo instrução de alta qualidade a baixo custo, já não é mais problema.

A Universidade Aberta mostra por que veio e apresenta as soluções que, como se pode perceber, facilmente estarão tomando de assalto as escolas convencionais nos próximos anos.¹⁷

17. ROTH, Ilona. **A educação democrática**. Jornal FOLHA DE S. PAULO, Caderno Mais!, 24 de maio de 1998, p.13.

Há cerca de 30 anos era criada a Universidade Aberta, que hoje atende a cerca de 150 mil alunos. Um tema “quente” na Inglaterra hoje é como inovar em ensino superior oferecendo instrução de alta qualidade a baixo custo. Entretanto, uma universidade britânica tem feito exatamente isso, em grande escala, há quase 30 anos. A Universidade Aberta conta com mais de 150 mil alunos adultos participando dos cursos universitários de meio período, acompanhando as aulas a partir de suas próprias casas, a não ser durante uma semana por ano, quando muitos deles precisam viajar para freqüentar cursos de verão.

A Universidade Aberta (UA) é mais bem conhecida pelos seus programas educativos para rádio e televisão. Porém, na verdade, esses meios são apenas parte de um complexo conjunto de métodos de ensino que inclui trabalho de texto por correspondência, aulas com a presença de professores nas várias regiões e, hoje, em certa medida, mídia eletrônica.

Os alunos da UA provêm de todas as faixas etárias, profissões e níveis sociais, e tanto entre os mais antigos como entre os atuais encontram-se desde personalidades públicas de destaque, como membros do parlamento, atores e apresentadores de televisão, até os menos privilegiados na sociedade, incluindo prisioneiros e pessoas cujas inaptidões inviabilizariam o acesso a um sistema convencional de ensino superior.

Essas pessoas, com freqüência descrevem sua experiência educacional com UA como “o que de melhor lhes aconteceu”. Vê-se também um número cada vez maior de alunos de outros países europeus estudando com a UA. De fato, alguns dos alunos de universidades tão distantes, como Cingapura, podem tirar proveito de acordos especiais de parceria a fim de participar dos altamente conceituados cursos da UA.

O segredo para a abertura da UA é que, se de um lado alunos que buscam ingressar em outras universidades britânicas precisam de qualificações desenvolvidas durante o segundo grau, por



outro, na UA não há tais restrições ao ingresso. Ela é também aberta porque, sendo a instrução concebida para aulas em meio período e à distância, não é necessário que os alunos deixem suas casas, famílias ou empregos. Um aluno de graduação dispõe de flexibilidade razoável em termos do tempo a despender para formar-se (de quatro a dez anos) e de matérias escolhidas.

O conteúdo dos programas de graduação - com no mínimo seis cursos anuais - pode abarcar apenas uma área principal, ou, para os mais ecléticos, diversas: artes, ciências sociais, educação, saúde, serviço social, matemática e computação, ciência e tecnologia. A partir de uma recente inovação, línguas estrangeiras e alguns cursos jurídicos foram incorporados a esse vasto leque de opções.

O complexo sistema que oferece tamanha variedade de cursos a tantos alunos combina ensino à distância e ensino direto tendo no centro o **campus** da Universidade Aberta, situado próximo da nova cidade de Milton Keynes. É um campus apenas em sentido restrito: os alunos que o freqüentam são um pequeno grupo de pós-graduandos em período integral, estudando sob a supervisão direta de uma equipe acadêmica. O centro, contudo, ferve de atividades, empregando mais de 2.000 funcionários em áreas relacionadas a funções acadêmicas.

A tarefa central de criar e produzir material para os cursos é desempenhada por “equipes para cursos”. Cada equipe dessas conta com um grupo de docentes, um editor, um **designer**, um produtor da BBC e outros especialistas, geralmente trabalhando juntos, pelo menos durante dois anos a fim de produzir todo o material escrito para o curso, mas também material para televisão, rádio, fitas cassete e outras peças didáticas especiais. Os programas de televisão são feitos no próprio centro de produção da UA, no **campus**, embora algumas gravações possam ocorrer em locais como Siena e Florença, integrando os maravilhosos programas sobre história da arte - ou dentro de uma prisão, para um programa sobre psicologia da agressão humana.

Pronto o curso, seguem-se tarefas operacionais desalentadoras, como postar o material para os alunos (um curso mais popular pode ter até 4.000 alunos por ano), acompanhar seu progresso, aplicar testes, ou simplesmente atualizar registros sobre eles. Além disso, existem tarefas especiais, tais como atender as necessidades dos portadores de algum tipo de deficiência - o que inclui providenciar material em braile para alunos cegos ou com visão parcial - ou organizar suporte técnico para os deficientes auditivos que freqüentam os cursos de verão.

Boa parte da atividade na Milton Keynes contempla a zona “periférica” do sistema de ensino. Igualmente importante é o trabalho de aulas regionais com a presença de professores, coordenadas a partir de 13 escritórios espalhados por todo o país, cada um contando com sua própria equipe acadêmica e administrativa. A função desse professor é complementar os elementos do ensino à distância, seja por meio de aulas que favoreçam o contato regular entre aluno e professor, seja avaliando os trabalhos escritos.

Nesses casos, cada professor acompanhará um grupo de até 30 alunos, e, como representam o primeiro ponto de contato com o restante da universidade, acabam inevitavelmente sendo requisitados para aconselhamento sobre assuntos extra-acadêmicos. Não é de estranhar que alunos da UA, premidos pela necessidade de aliar seus estudos às pressões e dificuldades do cotidiano, por vezes enfrentem problemas domésticos e emocionais.

De fato, aquele que se matricula na UA sonhando com uma existência dourada, às vezes associada à universidade britânica tradicional, vai se desiludir rapidamente. É um trabalho muito árduo e por vezes solitário. Apesar disso, a instrução que oferece tem sido merecedora de respeito e até mesmo de inveja por parte de docentes de universidades mais convencionais. Alan Ryan, filósofo e diretor do New College Oxford, a mais “dourada” dentre todas as universidades, recentemente descreveu a UA como “um dos poucos sucessos inequívocos dentre as experiências educacionais nos últimos 30 anos”.

O que fez com que a UA recebesse tamanho respeito por parte dos principais docentes do país? É que a necessidade de comunicação com alunos que podem estar em qualquer parte, seja em uma cidade pobre do interior ou numa unidade militar nas Malvinas, forçou os docentes da UA a se tornarem mestres na arte da linguagem concisa e acessível, utilizando recursos pedagógicos concebidos para estimular a participação ativa do leitor. Esses textos são tão populares no mercado fora da UA que usualmente vendem mais do que seus concorrentes, sendo inclusive adotados por departamentos de outras universidades.

Outra característica invejável no ensino da UA é a dedicação e compromisso dos alunos. A maioria está motivada por intenso desejo de aprimoramento; às vezes, no decorrer do processo, apresentam mudanças surpreendentes em sua condição de vida. Uma aluna que conheço iniciou sua vida profissional como secretária, estudou na UA enquanto criava os filhos e, armada de um diploma com mérito pelo primeiro lugar, foi agora admitida no doutorado em Cambridge.

A UA pode ter sido a primeira no gênero a trabalhar com ensino à distância em tempo parcial para adultos, mas outras instituições foram rápidas em perceber as possibilidades desse projeto. Isso porque docentes de muitas universidades convencionais entenderam que livros de texto elaborados com cuidado e de fácil manuseio são atraentes para qualquer público de alunos, estudem eles à distância ou não. A proliferação cada vez maior desse tipo de livro com recursos pedagógicos especiais - outrora a marca registrada exclusiva da UA - pode não afetar diretamente seu acesso à rede de potenciais aprendizes à distância, mas de fato corrói a reputação da UA como líder no suprimento de material didático para cursos de graduação.

A vantagem relativa da UA para atrair o mercado de educação de adultos está também ameaçada. Muitas universidades convencionais hoje incentivam inscrições de alunos mais velhos e oferecem cursos de graduação de meio período. Podem também oferecer alguns atrativos que a UA, devido a seu tamanho e à dispersão geográfica dos alunos, não pode: aulas diárias com a presença de professor, biblioteca universitária, creche e um sentido de comunidade acadêmica, muitas vezes de difícil percepção para os alunos da UA.

Para não ficar atrás, a UA deve ampliar seus meios a fim de se comunicar eficazmente com o sempre disperso corpo discente e para manter seu "perfil" no uso criativo de métodos de ensino. Muitos pensam que os avanços na informática são o caminho para resolver esses dois problemas, e algumas experiências nesse sentido já têm sido feitas. Por exemplo, o uso de correio eletrônico, tanto para comunicação informal entre aluno e professor quanto para respostas dadas pelos professores sobre trabalhos escritos; o uso de videoconferência para ministrar aulas a alunos em cidades ou países diferentes; a apresentação de material acadêmico em CD-ROM; até mesmo um projeto piloto de escola virtual de férias foi feito.

Mas em todas experiências a UA parece estar tolhida apenas por sua escala: uma vítima, digamos, do próprio sucesso... Instituições menores, com alunos freqüentando um campus, não têm necessidade de conectá-los eletronicamente e podem oferecer recursos tais como uso de CD-ROM em computadores montados na própria escola. Equipar todos os alunos da UA com computadores suficientemente sofisticados para receberem toda a nova mídia que a UA venha a precisar adotar seria um passo óbvio, mas a um custo impraticável.

A solução alternativa, que a UA está sendo obrigada a considerar com muito cuidado, é exigir que todo aluno matriculado compre seu próprio computador. E isso, de certa forma, faz surgir o maior de todos os problemas: computadores são caros, muito caros para os alunos que a UA mais precisa atrair, se pretende manter a reputação sobre a qual se fundou: ser aberta a todos, independentemente de formação educacional e condições econômicas. Encontrar solução para esse problema é uma das mais urgentes tarefas da UA, se quiser adaptar-se a tempo para o século XXI.

Ilona Roth é doutora pela Universidade de Oxford (Inglaterra) e docente da Universidade Aberta (Tradução de Cláudia Strauch).



Segundo Lipnack:

“O futuro não é alguma coisa que irá acontecer conosco. Construimos o futuro a cada momento que vivemos, uma idéia imemorial que é a própria essência do *karma* mais facilmente compreendida no Ocidente através da passagem bíblica: colherás aquilo que plantares. Nosso futuro nasce das nossas idéias transformadoras, do nosso atributo humano básico e original, que é a capacidade de criar imagens de um mundo que ainda não existe, mas pode vir a existir.”

A Universidade Aberta já existe!

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BERMAN, M. **Tudo que é sólido desmancha no ar**. São Paulo: Companhia Das Letras, 1987.
- BLUDNICKI, Mary. Supporting virtual learning for adult students. *Technological Horizons in Education*. 25(11), June, 1998, 73-75.
- BORGES-ANDRADE, J.E. Por uma competência técnica no treinamento. **Psicologia, Ciência e Profissão**, 2.9 –17, 1986.
- CANDIOTI, Carmen. La incorporación de nuevas tecnologías en los sistemas educativos. In **Atracción mediática: el fin de siglo en la educación y la cultura**. Mercedes Cafiero, Roberto Marafioti e Nadia Tagliabue. (Org.). Buenos Aires: Biblos, 1997.
- CRUZ, Dulce M. e BARCIA, Ricardo Miranda. **A videoconferência na educação continuada em engenharia: a experiência de Santa Catarina**. Texto apresentado no Simpósio Internacional sobre Educação Continuada na Engenharia para o Desenvolvimento da Tecnologia. Rio de Janeiro, outubro de 1996.
- CRUZ, Dulce M.; FIALHO, Francisco A. **Use of modern technology to face obsolescence and forgetting. Media and cognition: what changes in a interactive class**. *Proceedings* do 13th Triennial Congress of Ergonomics. Tampere, Finlândia, julho, 1997.
- EINSTEIN, A. **Escritos da maturidade**. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 1994.
- EMERENCIANO, M.S.J.; WICKERT, M. L. S. **Educação à distância: uma concepção integrada**. Brasília: Universa, 1997.
- HOBSBAWN, Eric. **Era dos extremos: o breve século XX: 1914-1991**. São Paulo: Cia das Letras, 1996.

KAYE, A. e RUMBLE, G. “La enseñanza a distancia: situación actual. *In: Radio y educación de Adultos*, n.9. Las Palmas: ECCA, 1988.

KUHN, Thomas S. **A estrutura das revoluções científicas**. São Paulo: Ed. Perspectiva, , 1975.

LE CODIAC, Yves-François. A ciência da informação. Brasília: Briquet de Lemos Livros, 1996.

JUSTIFINIANI, Antonio Miranda. La educacion a distancia, una estrategia para los paises en vias de desarrollo: el modelo cubano. *In: Educação a Distância*, v.3, n.6, p.14-18, nov/94, Brasília, INED.

ICDL. **Mega-universities of the world - The top ten**. The Open University, Grã-Bretanha, 1995.

KEARSLEY, Greg. **A guide to on line education**. Fischler Center for the Advancement of Education. Nova Southeastern University. *In: <http://www.fgse.nova.edu>, ou também <http://www.fcae.nova.edu/~kearsley/online.html>.*

MORAN, José Manuel. **Mudanças na comunicação pessoal: gerenciamento integrado da comunicação pessoal, social e tecnológica**. São Paulo: Paulinas, 1998.

WICKERT, Maria Lúcia Scarpini. **O futuro da educação à distância no Brasil**. *In: www.intelecto.net (consultado em 19/09/2000).*